

4

R  
recontado por  
**LUCIANO BRANCO**

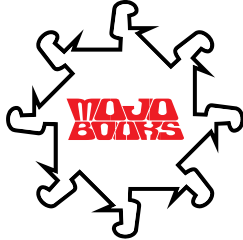
pato fu  
**TODA CURA PARA  
TODO MAL**



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci  
organizador

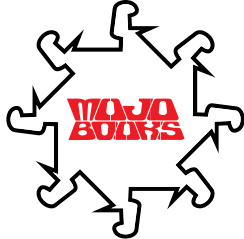


**VOLUME 44**

---

**TODA CURA PARA TODO MAL**  
**pato fu**

recontado por **LUCIANO BRANCO**



**VOLUME 34**

---

# **TODA CURA PARA TODO MAL** **pato fu**

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte e capa **Delfin**

revisão **Camila Werner**

**Outubro de 2007**

# ANORMAL

Ainda me lembro do nosso primeiro encontro, foi num barzinho que freqüentávamos. Ela havia chegado atrasada e na pressa de se desculpar e cumprimentar a todos, deixou cair sobre a mesa alguns livros que segurava. Um deles caprichosamente foi de encontro a um copo de cerveja que tombou sobre mim.

Enquanto tentava em vão secar meu *jeans*, ainda de cabeça baixa, comecei a falar sobre a “Livre Iniciativa”, aquela prática de deixar livros abandonados em bancos ou estações do metrô, para que outras pessoas possam ler e repassar. Fui interrompido delicadamente.

— Eu não faria isso com este livro, porque ele pertence à biblioteca da escola da minha irmã e também porque não quero ver o meu nome associado a uma possível proliferação desse tipo de leitura. Isso aqui é Paulo Coelho!

Eu sorri sem graça e não pude deixar de ficar vermelho, mas confesso que gostei do que ouvi. Realmente, a primeira impressão não deve ser a que fica.

— Você deve ser o Roberto. Prazer, eu sou a Luciana “Venta-



nia”, — brincou. — Me falaram a seu respeito.

— Também me falaram sobre você.

— Pô! Cheguei meio afobada, me desculpe pelo banho de cerveja.

Balancei a cabeça fazendo sinal de que não ligava. Apertei sua mão pressentindo que poderíamos nos dar bem. Olhei bem no fundo de seus olhos e também não pude deixar de notar os seus lábios, a pele alva, os cabelos lisos até a altura dos ombros, o corpo *mignon* bem modelado coberto por um daqueles vestidinhos floridos.

Fora o fato de que eu andava sumido nos últimos meses, tínhamos outros motivos para estar reunidos naquela noite no bar. O Rique ainda tentava encontrar uma garota para escutar com ele seus discos de *jazz*, Nanda ainda sonhava em conhecer alguém interessante pra ficar, eu mais uma vez iria tentar reverter a grana investida numa boa noitada. A Luciana, ao longo da noite, nos deixaria saber sobre a sua obsessão por ler as tirinhas do Garfield nos jornais e que assim que terminasse de pagar algumas dívidas iria destrancar a faculdade de Comunicação, mas que continuaria trabalhando na loja de instrumentos até conseguir algo melhor.

— Onofre! Uma pinga, por favor — pediu ao garçom sem



hesitar.

— Que demora, heim? — reclamou Rique.

— Um imbecil conseguiu dar uma ré e bater com o engate no meu carro.

— Você está bem? — perguntou Rique.

— Estou. Tem cigarros?

— Tenho. Bem que você devia fumar menos, isso ainda pode te matar — observou Rique.

— Nanda, gravei para você em MP3 uma coletânea da Suzanne Vega, pra ver se você supera o preconceito contra a moça — continuou Luciana.

— Obrigada! Por falar nisso, você escutou *Bogary*, o disco novo da Cascadura? — perguntou Nanda.

— Ainda não. Faz uma cópia pra mim?

— Faça, mas compensa comprar o CD original. Achei linda demais a música “Mesmo eu estando do outro lado”, me fez lembrar de alguns momentos da minha vida — disse e suspirou.

— Fora eu, alguém mais assistiu ao filme Tartarugas também voam? — perguntei, mudando de assunto.

Nanda respondeu:

— Vamos fazer uma sessão depressão na sua casa? Só com filmes que dão vontade de cortar os pulsos no final.



— Não! — todos gritaram em uníssonos.

— Por que todas essas bandas de baile que tocam nos botecos sempre acabam tocando “Mr. Jones”? — resmunguei.

— Porque ela é uma espécie de “Whisky a Go-go” da nossa geração. Em festa que se preze, elas não podem faltar — falou Luciana e todos sorrimos.

Continuamos conversando. Sobravam clichês, despontavam mentiras a certa altura Nanda mudou de mesa para ir colocar a conversa em dia com João, um talentoso artista alternativo amigo nosso de longa data e por quem ela sempre demonstrara ter uma quedinha.

Enquanto isso, Luciana continuava falando e gesticulando. E me caiu uma ficha: Rique havia encontrado a mulher da minha vida. Não tive dúvidas, eu estava me apaixonando pela namoradinha de um amigo meu. Maldita vocação para citações *pop!*





# PUH UH UH, LÁ LÁ LÁ, IÊ IÊ!

Eu tinha de “secar” esse começo de romance e ter bastante fé para que as coisas erradas dêem certo. Por isso que sempre digo que a pessoa que inventou esta frase é um gênio: “Amor é uma droga, só dá trabalho!”.

Com o passar dos dias, meus encontros com Luciana foram se tornando mais frequentes e, de uma forma ou de outra, sempre estávamos perto, era visível que ela se divertia com a minha companhia. Nossa história começou a se desenhar a partir de uma festa estilo anos 80 que fomos. Aquelas cenas patéticas, adultos dançando e cantando feito crianças aqueles *hits* horríveis que embalsamaram programas de auditório da TV. Nos ajudou a ficarmos juntos conversando. Só parávamos quando Rique se aproximava, eles trocavam uns dois ou três beijos. A essa altura até ciúmes eu sentia, mas logo ele se retirava em direção à pista para dançar e nós ficávamos ali, eu com más intenções e ela cada vez mais confiante em compartilhar comigo suas reclamações.

— Depois do Frank, meu ex-namorado, tomei a decisão de só acreditar no amor se pudesse encontrar alguém como eu. Mas o



TODA CURA  
PARA TODO MAL

tempo passou e conheci o Rique. No começo pensei que ele fosse a pessoa certa mesmo sendo diferente, mas agora não tenho tanta certeza quanto a isso — desabafou Luciana.

Era uma questão matemática, os dois já não estavam mais um para o outro assim como eu estava para ela. As diferenças começavam a saltar aos olhos — eles não se interessavam mais pelas mesmas coisas. Eu precisava começar a agir.

Rique cagou para o novo disco do Super Furry Animals, e parou de prestar atenção nas trilhas sonoras dos filmes (talvez tivesse usado esse artifício no começo só para impressioná-la). Luciana não se importava mais em levar novidades para a conversa do casal

Às vezes quando saiam, por implicância, Rique colocava no velho CD player do seu carro algum disco do Milton Nascimento, de quem ela realmente não suportava nem ouvir falar. Para não ficar para trás, Luciana, sempre que podia, estalava todos os seus dedos, inclusive os dos pés. Ele detestava essa mania.

— Abra o seu coração com ele sobre essa mudança de comportamento — aconselhei querendo escutar uma resposta negativa.

— Faz alguns meses que estamos distantes. Começou bem antes de eu te conhecer. Não basta apenas que eu acredite ou



peça pra sei lá quem para que um dia ele acorde e comece a agir de maneira diferente ou que volte a ser o Rique por quem me apaixonei — disse e abaixou a cabeça.


— Sei. Ou melhor, não sei! Ele está vindo, vamos mudar de assunto.

Os dois se abraçaram, ela me olhou por cima do ombro dele. Até me deu uma tristeza, mas confesso que por dentro eu dava gargalhadas. A semente estava plantada, agora era só cultivar.

Todos sabiam que Rique andava saindo com outras garotas (mais freqüentemente com a Manuela) e que eu sempre tivera pré-disposição para fazer com que os meus relacionamentos acabassem de forma traumática (que o diga a Nara). O que ninguém sabia é que daquela vez eu sentia que se fizesse tudo diferente, teria minha grande chance e algo maior do que o medo do julgamento alheio — a competição — me fez ir adiante. Eu estava no jogo.



## SORTE E AZAR



Na mesma madrugada da festa, quando estava em casa tomando um Keep Cooler e curtindo “Hurt” do Johnny Cash, resolvi enviar um torpedo pro celular da Luciana. Arrisquei atrapalhar um momento íntimo do casal ou dar o azar do Rique pegar o aparelho e perguntar que porra estava acontecendo para eu mandar uma mensagem pra ela àquela hora. Mas, para minha sorte, recebi de volta um telefonema.

Ela me contou sobre a discussão que tiveram na volta na festa e que ele fora bastante ríspido. Pedi que ficasse calma e a convidei para almoçar no dia seguinte. Ela não só aceitou como sugeriu o restaurante Made In Japa. Mal dormi no resto da madrugada.

— Não seria a hora de vocês darem um tempo nesse namoro?  
— resolvi colocar todas as minhas cartas na mesa.

— Definitivamente esta não é uma boa hora — disse Luciana.

— Seria uma pena se vocês rompessem, mas acho que se não fizerem algo agora, o pior pode acontecer. Mas também só sei o que você me diz, porque ele nunca... — blefei!

Ela me interrompeu:

— Ontem ele disse que estava para perguntar pra você o que está acontecendo comigo. Eu disse que, por sorte, ele tem um amigo como você.

“Sorte ou azar?”, pensei.



TODA CURA  
PARA TODO MAL

# AMENDOIM

Depois de ter escutado atentamente tudo o que ela tinha para me dizer, senti que a partir dali minha amizade com Rique estava por um fio, o que não me incomodou. Foda mesmo era a incerteza de ficar com Luciana. Por isso despedimos-nos, ela estava um pouco mais aliviada e eu um pouco mais preocupado.

No começo da noite, meu celular tocou os acordes de “Smells like teen spirit” — Nanda. Era sexta-feira e sempre marcávamos de sair para jogar conversa fora, assistir algum show ou beber pela cidade.

— Oi! Tudo bem com você?

— Tudo! E você?

— Comigo também, mas parece que o Rique e a Luciana não estão nada bem, né?

— É... — murmurei tentando fazer pouco caso para não estender a conversa.

— Você querendo disfarçar algo que já sabe me faz lembrar o Charlie Brown. Eu sei de tudo!

— Tudo o quê? — perguntei incisivamente.



— Você, a Luciana, o Rique — me respondeu cantando as palavras imitando voz de criança fazendo pirraça.

— Ah! Eu sou amigo dos dois e não tenho nada a ver com o lance deles.

— Disputa de namorada com amigo, que coisa mais antiga. Aborrecido. Testa franzida. Boca seca.

— Você está interessado nela, te conheço! — Sentenciou.

— Pare de me alugar, Nanda! Você mal sabe da sua própria vida!

— Entendo que esteja irritado, não deve ser uma situação fácil.

Silêncio. Orelhas vermelhas. Puto.

— Porra, não sei do que você está falando.

— Ela deveria contar logo...

— Contar o que?

— Do bebê,oras!

Um mantra ecoou na minha cabeça e não pude deixar de perguntar:

— Bebê? Bebê? Como assim? Bebê?

— Vai dizer que você não sabia que a Lú está grávida?

— Fomos em uma festa ontem, almoçamos juntos hoje e ela não me disse nada sobre estar grávida!



— Ela suspeitava e teve a confirmação uns três dias atrás. Até pensei que vocês estivessem guardando segredo e que ela faria uma surpresa para contar pro Rique.

— Não. Eu não sabia. Escuta, eu já não estava a fim de sair, agora então... Tenho que desligar. Me liga ou aparece aqui em casa pra terminar essa conversa?

— Hoje não quero balada. Me indica um disco pra eu escutar com o João tomando um bom vinho. Desde aquela noite no bar estou saindo com ele. Acho que desta vez eu até engreno um casamento!

— Terminou de dizer e soltou uma gargalhada pelo telefone. Como alguém pode se “autodivertir” tanto como a Nanda?

— The Cure. *The Head On The Door*. Vá direto na faixa oito, “A Night Like This”. Ela pode tanto embalar um começo de namoro quanto provocar uma depressão.

— Não diga nada, deixe que ela te conte — Pediu Nanda antes de desligar.





# SIMPLICIDADE

Passei o final de semana em casa, sem a menor vontade de sair. Segunda-feira no trabalho, continuei não pensando em nada que não fosse a gravidez da Luciana. Fiz listas com possíveis nomes de crianças de que gosto, vasculhei sites em busca de dicas para pais de primeira viagem e até listas de presente para chá de bebê comecei a fazer. Minha tolice era tamanha que eu me esqueci que ainda era filho e não pai. Que saco de fixação!

Trabalhar que é bom, nada. Apenas mexia nos papéis em cima da minha mesa de um lado para o outro. O tique-taque do relógio me incomodava, as horas não passavam, xícaras e mais xícaras de café, músicas escutadas pela metade, falta de concentração, números de telefones discados e telefonemas encerrados antes que pudessem atender.

Na volta do trabalho, emparelhei o carro com uma garota cantarolando uma música de versos simples e certos como só os do Roberto Carlos costumam ser. E me veio a cabeça que Chico Buarque pode entender muito sobre o universo



feminino, mas falar diretamente aos corações delas somente o Rei. Eu ainda tinha muito que aprender.



# AGRIDOCE

Mal acordei e Rique batia em minha porta. Gritei para esperar, segui para sala, destranquei a porta e pedi que entrasse. Corri para o banheiro para lavar o rosto e escovar os dentes. Na volta, percebi que ele não havia entrado.

— E, aí! Por que não quis entrar?

— Achei melhor conversamos aqui fora, vou procurar ser breve para não tomar o seu tempo. Por que você não me contou antes sobre a gravidez da Luciana?

— Fiquei sabendo na semana passada pela Nanda e mesmo se soubesse antes, não seria eu a contar.

— Ontem liguei para loja e quem atendeu foi aquele colega dela, o Alexandre, que já foi me desejando um debochado “parabéns papai”. Mesmo sem jeito, reagi como se já soubesse. Liguei para Luciana, para tirar a história a limpo, mas nada de ela me atender. Poxa! O tempo todo vocês sabiam e ninguém me contou nada! Por quê?

— Não cobre nada a respeito disso. Eu particularmente nunca fui o confidente dela, nossa intimidade e a de vocês sempre



estiveram preservadas.

— Você sabe que o nosso namoro não está no melhor dos momentos e que eu ando saindo com outras garotas. Mas em nenhum momento eu pensei em terminar com a Luciana. E agora, como eu falo para Manuela que eu serei pai?

— Sinceramente, não sei — queria ter coragem para dizer “foda-se!”.

— Se fosse com você, como reagiria a essa notícia?

Ele se aproximou e me abraçou. Me senti mal enquanto dava uns tapinhas nas costas dele, mas logo passou. Não sei ao certo se serviria de consolo, mas naquele momento eu quis até chorar. Ainda bem que a vontade passou rápido. Fui um filho da puta. No entanto, um pouco de sensação de vitória nunca fez mal a ninguém.

# NO AEROPORTO

Deixei que mais um hiato no tempo me afastasse um pouco de todos, eu necessitava ficar sozinho. Mas na primeira sexta-feira após essa decisão, não pude conter a vontade de falar com a Luciana. Esperei o horário do almoço e resolvi ligar. Ela me fez o favor de não atender, então me dirigi até ao seu apartamento, interfonei, e nada. Nem o porteiro sabia me dizer se ela estava. Quando eu já estava de saída, esbarrei com o Lulu (só me referia ao irmão dela por seu apelido) que me disse que a Luciana teria ido dormir na casa da Nanda.

Corri para lá e só encontrei a Nanda, que me contou que no dia anterior Rique havia deixado uma carta no correio da casa da Luciana. E que ela, ao ler a tal carta, disse para família que iria dormir na casa da Nanda quando na verdade foi se encontrar com ele. Meu celular insistia em tocar e, desta vez, o ringtone era “Ordinary World”, do Duran Duran — que Luciana havia pedido que eu escolhesse para suas chamadas.

- Mas no aeroporto?
- É! Vem pra cá!



Nem esperei ela pedir outra vez e já estava a caminho do outro lado da cidade.

\* \* \*

Cheguei e pude vê-la sentada no meio fio perto do orelhão. Estacionei e fui ao seu encontro. Quando ela me viu, começou a chorar, me abraçou, pegou sua valise e entrou no carro. Não escutei uma só palavra durante todo caminho e também não perguntei nada. Percorri todo dial do rádio do carro e quando já estava sem esperança de escutar alguma boa canção, eis que o B-52's me salva com a sua "Private Idaho". Sei que não era o momento, mas me senti mais alegre.

Chegamos ao apartamento dela e ela me perguntou se eu não me importaria se ela passasse a noite na minha casa. Disse que a esperaria no carro. Ainda monossilábica no caminho, tentei puxar conversa sobre a péssima programação das FMs e disse que minha próxima aquisição seria um toca-mp3 para o carro. Ela apenas deu um sorriso de canto de boca e disse:

— Bom era quando ouvíamos disco. Aquele barulhinho gostoso da agulha nos sulcos do vinil, a caixinha de fósforo em cima da agulha, os detalhes mais nítidos das artes das capas,

aquela excitação em tirar o encarte, levantar para trocar o lado A pelo lado B.

— Senti mais do que nostalgia.

— Quando o passado está mais interessante do que o presente é porque no momento sua vida está uma merda.

— O que é que há?

— Sobre a gravidez é fato que você já sabe. A novidade foi uma carta que recebi ontem do Rique, ela começou com um convite para irmos tomar um chocolate quente no Aero-Café. Normal, afinal precisávamos conversar. Devíamos desculpas recíprocas, mas ao longo da conversa ele me saiu com essa: “Pense bem, você só terá essa criança se quiser. Minha prima tem uns amigos médicos donos de uma clínica de confiança que podem resolver isso pra gente”.

Não fiquei mais perplexo, de tão ansioso, enquanto escutava a explicação já buscava respostas.

— Passei mal uns dias atrás e fui fazer uns exames. Perdi o bebê. Na verdade, minha única motivação para ir ao encontro era para lhe dar a notícia, mas nem tive tempo. Nem um tapa na cara pude dar.

— Sinto muito — mentira!

Eu não sentia tanto assim, já que ela estava bem. Mudei de



assunto:

— Vamos comer algo; você precisa descansar.

— Eu ficarei bem, estou muito triste, mas ao mesmo tempo sinto um alívio e, obrigada por poder contar com você.

A noite de sexta para sábado deve ter sido uma das mais longas que passei. Depois de uma pratada de miojo acompanhada de Coca-Cola, jogamos algumas almofadas no chão e deitamos no tapete da sala para escutar uma seleção de Mutantes, Smiths, Everything but the Girl, Weezer e Echo & The Bunnymen. Conversamos pouco, estávamos quase em transe escutando “Grace” do Jeff Buckley, eu ali no colchonete e ela no sofá-cama. Quando finalmente a escuridão tomou conta da sala, escutei sua voz:

— Tudo o que eu sempre quis em uma relação foi isto aqui.

Não respondi, mas pelo pouco que entendo a respeito de entrelinhas, gostei e dormi mais feliz.



# ESTUDAR PRA QUÊ?

Diante das coisas do coração não há nenhum tipo de conhecimento que seja conclusivo. Se você tiver uma mazela amorosa pra resolver, o Google não vai poder te ajudar. Pode recorrer à prateleira de livros de auto-ajuda, pode escutar atentamente os mais diversos tipos de conselhos porque, para as coisas do coração, somos eternos aprendizes ou analfabetos.



## VIDA DIET

Passaram-se duas semanas. Rique havia sumido. Nanda não desgrudava de João. Eu, aos poucos, tentava me habituar à nova vida de Luciana: uma fase zen, de reeducação alimentar e de simpatia à causa dos vegetarianos. Um pouco mais conformada se informou e leu tudo a respeito do fato de muitas mulheres sofrerem abortos espontâneos nos três primeiros meses de gestação. Só mais alguns meses e estaria de volta aos estudos, pois as dívidas quase não existiam mais e lhe sobrava algum dinheiro para pagar a mensalidade do seu curso.

— Por que nós nunca nos interessamos um pelo outro?

Engasgado. Vermelho. Gaguejando.

— Como?

— Sempre nos entendemos bem, parece que nos conhecemos há anos!

— Tenho você como uma grande amiga.

— Tão grande amiga que você até deixou o seu amigo de lado para estar comigo todo esse tempo, né? Sabe como chamam isso por aí? Amor. Cuidado!

Não pude responder, acho que nem era pra responder mesmo.

— Não me leve tão a sério, mas é que eu estava pensando que se um dia você se for de repente, não sei como será a minha vida.


Olhando através do Blindex da sacada de seu apartamento, confessei baixinho:

— Tudo o que eu sempre quis em uma relação foi isso.

Fui até o aparelho de som e escolhi “Everybody Hurts”, do REM, para escutar porque tem dias em que tudo o que precisamos é de alguém que nos fale ao coração.



## O QUE É ISSO?



A semana se arrastou lentamente, mas o final de semana chegou com a promessa de ser um dos melhores do ano. Finalmente eu havia conseguido tirar Luciana de casa para ir comigo à Rotomusic, uma boate bacana, prestigiar, entre outros, o Dj Abujamra, um dos mais badalados da cidade. Como ela estava estonteante naquele vestido preto, me fez acreditar que os riscos de se amar valem a pena. Ao entrarmos na boate, o que é isso? Ao vivo, um mashup mesclando aquelas batidas de bateria eletrônica de “Blue Monday” do New Order com o refrão de “Rock And Roll All Nite” do Kiss. Entramos no clima, ou melhor, acho que nunca saímos dele, no máximo estávamos destreinados.

Começamos a dançar de maneira diferente, bem mais próximos um do outro. Todos pareceram entender que aquele era o nosso momento e mantiveram certa distância. Entoávamos várias músicas daquele set maravilhoso — The shareef don't like it/ Rockin' the Casbah, Rock the Casbah... Invariavelmente nos abraçávamos e, em alguns momentos, chegávamos a colar nossos rostos.

Fui até o bar pegar algo para bebermos quando meus olhos viram o que eu não podia acreditar. Rique, de longe, parecia assistir a tudo. Barba por fazer, long neck na mão, calça jeans surrada e uma camisa do Elvis Presley. Eu não sabia se o cumprimentava ou se voltava para levar Luciana para longe dali.

Não tive tempo de entrar em pânico. Antes que eu pegasse nossos drinks, ele foi ao encontro dela no meio da pista, conversaram uns três minutos e para o espanto de todos, eles saíram para uma área externa da boate. Corri até lá, mas Luciana fez um gesto de que tudo estava bem.



!

A noite se tornou uma grande tortura, um exercício de paciência, pois as horas iam passando e nada daqueles dois saíam daquela varanda. Será que estavam se entendendo?

— Fala Roberto! Como vai essa força?

Rubinho, um bom amigo que não é tão presente, mas que sempre sabe das coisas.

— Fala aí! Essa força anda fraca.

Fala aí! Essa força anda fraca. Ele fez cara de consternado. E antes que me respondesse, foi interrompido pelos barulhos vindos da pista de dança fervendo com o Dj Edu K, residente da casa, e a dobradinha “Melô da Popozuda/Detetive”. Não pude deixar de lembrar dos versos do Morrissey em “Panic” (“— *Burn down the disco/ Hang the blessed dj/ Because the music that they constantly play/ It says nothing to me about my life...*”).

— Vocês se amam, está na cara para quem quiser ver. Ali é mais um acerto de contas. Então relaxe nesse intervalo e curta a noite.

— Mas e minha amizade com o Rique, como é que fica?

— Até onde sabemos, vocês sempre se enxergaram como competidores quando o assunto são as mulheres.

Eu desconfiaria e não levaria em consideração se ouvisse aquilo de qualquer outra pessoa. Para meu alívio eles haviam saído da varanda, mas só ele se dirigiu até onde eu estava. Ela seguiu rumo ao banheiro, deduzi que ela poderia estar chorando justamente na hora que rolava “Do The Evolution” do Pearl Jam (com direito a clipe nos telões), uma das músicas que ela mais gostava de dançar.



# TUDO

Uma pequena corrida do Rique foi o sinal de alerta para que os amigos da turma do deixa disso entrassem em ação. Mesmo assim, não puderam evitar que eu levasse um soco na boca. Como ele também não estava sozinho, a pancadaria correu solta.

Em meio à confusão armada, eu corri. Não costumo fugir de briga, mas eu precisava alcançar Luciana. Sei que ele falou algo quando me viu sumindo pela porta da boate, mas não pude ouvir. E também, não faria diferença.

Quando enfim a encontrei do lado de fora da boate, passamos a caminhar lado a lado, calados, até sentarmos em um banco no ponto de ônibus. Luciana aproximou-se mais de mim, me abraçou e pela primeira vez nos beijamos. Entre o gosto dos seus beijos, o sabor de lágrimas e um leve amargor do sangue de minha boca. Voltamos para o estacionamento da boate e, pelo menos do lado de fora, não havia mais sinal da briga. Fomos para minha casa, tínhamos a madrugada para esquecer a noite. Pensando bem, nunca perguntei o que os dois tanto conversaram na varanda. No final, tudo que nos restou foi amor, a verdadeira cura para todo mal.



## BOA NOITE BRASIL

Passados uns dias e, diante da confusão da última “reunião” da turma, alguns amigos se afastaram, mas os poucos que ficaram ainda nos eram suficientes.

Recebi de Malab (outro amigo) um recado deixado por Rique. Era para que eu deixasse com Dudu, seu irmão, todos os seus discos que estavam emprestados comigo. Ele sabia de cor quais eram e não gostaria de ter de ir me cobrar.

Luciana, para celebrar essa fase, disse que nos apresentaria uma banda com 133 integrantes no palco e que o *show* seria um dos mais legais de nossas vidas. Pensei que iríamos presenciar um concerto de música clássica, mas que nada! Realmente nunca havíamos assistido nada igual. Uma vocalista elétrica e com voz angelical, um guitarrista caricato vomitando *riffs*, um baixista performático, um tecladista que me remeteu aos caras do Kraftwerk, um baterista com no mínimo quatro braços e uma bateria eletrônica, apelidada pela banda, por 128 japoneses!

Mesmo antes do final da apresentação, sem ouvir um disco sequer, nos apaixonamos por aquela banda de nome engraçado. Em um dos momentos mais calmos do *show* e no meio de uma



TODA CURA  
PARA TODO MAL

música chamada “Canção para você viver mais”, soltei o Odair José preso em mim e pedi Luciana em casamento. Confesso, não foi bem em casamento, na verdade eu a convidei para morar comigo. Foi cafona, mas eficiente.

No dia seguinte, aproveitamos o momento e escolhemos o *open house* da Nanda e do João para anunciar que também iríamos morar juntos.

A festa foi excelente. Muita cerveja, mojitos, coquetéis, petiscos e beliscos. Boa música aos cuidados do nosso amigo Savalla, que tocava The Cure, Jesus & Mary Chain, Devo, Pixies, Siouxsie & The Banshees, Beck (“Everybody’s Gotta Learn Sometimes”, dedicada aos mais novos “casados” do recinto!), entre tantos outros artistas que nos remetiam aos melhores e piores momentos de nossas vidas.

Na hora da despedida, uma sensação boa de que seria a última vez que iríamos para casas diferentes. Nas próximas festas voltaríamos juntos pra casa. Nos beijamos e seguimos cada qual para seu carro.

\* \* \*

O relógio marcava umas seis horas da manhã quando meu ce-



lular tocou um som que não associei a ninguém que conhecesse. Atendi meio tonto e uma voz de homem me perguntou se eu era o Roberto e se por um acaso conhecia alguma Luciana. Quando disse que sim, ele pediu que me dirigisse com urgência ao hospital. No rádio do carro, o locutor do jornal deu a notícia:

“Acidente na madrugada. Uma jovem de aproximadamente 28 anos bateu seu veículo violentamente contra outro. A causa do acidente ainda é desconhecida. As vítimas foram atendidas...”

Desesperei, acelerei e cheguei o mais rápido que pude. No balcão de atendimento, seus pais me disseram o que eu não queria escutar. Luciana estava morta. Um aneurisma fez com que ela perdesse a direção e batesse o carro em alta velocidade. A motorista do outro veículo já não corria mais perigo, mas com várias fraturas ficaria um bom tempo internada.

Permaneci em pé por horas sem cochilar um só momento, achei que nunca mais dormiria. Os pais de Luciana trataram de todos os detalhes do enterro, que ficou marcado para as duas horas da tarde do dia seguinte. Eu só não sabia se poderia suportar até lá.

\* \* \*



Depois de todas cenas típicas dos funerais, chegou a hora. Segurei em uma das alças do caixão e lembrei do Renato Russo cantando “É tão estranho os bons morrerem antes...”

Depois da última oração, me privei de ver o seu rosto através do vidro. Não pude mais chegar perto e fiquei atrás de seus familiares vendo o caixão desaparecer lentamente enquanto algumas pessoas jogavam três punhados de terra e outras arremessavam ramalhetes de flores.

Teria sido poético se ela fosse cremada e se eu saísse espalhando suas cinzas por locais significativos para nós, como fez o Orlando Bloom em Elizabethtown, mas não foi assim.

Aos poucos, todos foram saindo. Fiquei ali parado, recusei o convite de Nanda para ir pra casa com ela. Achei melhor ficar sozinho por mais alguns instantes.

Cheiro de velas acesas. Assovio das folhas dos eucaliptos. Canto das cigarras. Coroas de flores. Tudo o que antes eu não enxergava agora me chamava a atenção e só pude notar a aproximação do Rique quando ele colocou uma das suas mãos em meu ombro. Será que ele cantaria vitória num momento desses? Não falamos nada, não havia mais nada para ser dito. Luciana realmente havia sido “ventania” em nossas vidas.

\* \* \*

Alguns meses se passaram e, embora ainda sentisse falta da Luciana, eu já havia decidido clarear meus dias.

Passei a visitar Andréia, a garota que também havia se envolvido no acidente, quase todos os dias. Ela já sabia de cor minha história e disse que se eu não me importasse, iria escrever uma crônica inspirada no que aconteceu para sua coluna no jornal. A cada encontro sentíamos que algo mais do que uma simples amizade havia começado. Ela me contou sobre sua paixão por cães e eu lhe mostrei fotos do Spock, vira-lata de estimação da minha mãe, que eu disse ser meu, para fazer média. Encarreguei-me de, semanalmente, atualizar seu mp4 com músicas dos mais variados estilos, e fazia questão de comentar uma por uma. Ela prestava atenção, ou pelo menos fingia, divertindo-se quando eu demonstrava empolgação. Conhecendo essa minha fixação por música, ela me presenteou com um livro chamado Tangos & Tragédias, que disse ser a minha cara. Não li, mas menti, fingindo concordar. Comecei a olhar novamente pra frente e pensei que talvez estivesse diante de uma nova chance. Afinal, todos os meus relacionamentos acabam...

**FIM**

TODA CURA  
PARA TODO MAL



## SOBRE A BANDA

O Pato Fu apareceu no cenário do *rock* nacional em Belo Horizonte, em 1992, com uma cantora de voz tímida, melodias pegajosas e um senso *pop* certo. Fernanda Takai, John Ulhoa e Ricardo Koctus lançaram Rotomusic de *Liquidificapum* (1993) e seguiram numa discografia que já soma oito álbuns. Já foram comparados aos Mutates e são reconhecidos como uma peça fundamental do cenário musical brasileiro, transcendendo gêneros. O disco *Toda Cura Para Todo Mal* já contava dois novos integrantes: Xande Tamietti (bateria e percussões) e Lulu Camarço (teclados e acordeom). É reconhecido como um dos melhores trabalhos do grupo e ganhou versão DVD em 2007. Seu último lançamento é *Daqui pro Futuro* (2007) e Fernanda prepara o lançamento de seu primeiro disco solo para novembro. Sem dúvida, um ano agitado para os Pato Fu.

# CRÉDITOS ORIGINAIS

## **TODA CURA PARA TODO MAL**

Lançado em 13 de Maio de 2005

Selo: Sony BMG/Epic

Produzido por John Ulhôa

Para mais informações sobre a banda, visite:

**[www.patofu.com.br](http://www.patofu.com.br)**

## **SOBRE O AUTOR**

Luciano Branco é bancário, formado em Administração e mora em Brasília. Colabora, sempre que pode, com *sites*, *blogs* e *fanzines* de música. Em 2008 pretende lançar seu primeiro romance e disponibilizar na Internet um livro de contos infantil.



# ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

**A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.**

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

**Sob as seguintes condições:**

**Atribuição.** Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

**Uso Não-Comercial.** Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

**Compartilhamento pela mesma Licença.** Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")  
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido  
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados  
pelo disposto acima.

# 44 **TODA CURA PARA TODO MAL**

**PATO FU**

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. ANORMAL
2. UH UH UH, LA LA LA, IÉ IÉ!
3. SORTE E AZAR
4. AMENDOIM
5. SIMPLICIDAD E
6. AGRIDOCE
7. NO AEROPORTO
8. ESTUDA R PRA QUÊ?
9. VIDA *DIET*
10. O QUE É ISSO?
11. !
12. TUDO
13. BOA NOITE BRASIL

